

Graça: o encontro da cruz com a lei

de Timóteo Carriker

Textos

Não pensem que eu vim para acabar com a Lei de Moisés ou com os ensinamentos dos Profetas. Não vim para acabar com eles, mas para dar o seu sentido completo. Eu afirmo a vocês que isto é verdade: enquanto o céu e a terra durarem, nada será tirado da Lei—nem a menor letra, nem qualquer acento. E assim será até o fim de todas as coisas. Portanto, qualquer um que desobedecer ao menor mandamento e ensinar os outros a fazerem o mesmo será considerado o menor no Reino do Céu. Por outro lado, quem obedecer à Lei e ensinar os outros a fazerem o mesmo será considerado grande no Reino do Céu. Pois eu afirmo a vocês que só entrarão no Reino do Céu se forem mais fiéis em fazer a vontade de Deus do que os mestres da Lei e os fariseus.— *Mateus 5.17-20 NTLH*

A lei foi dada por meio de Moisés, mas o amor e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. — *João 1.17 NTLH*

Pois Cristo é o cumprimento da lei para todos aqueles que crêem. — *Romanos 10.4 NTLH*

Introdução

—A cruz é a grande encruzilhada da *fé* e da *história* e da *teologia* cristã.

—É a grande encruzilhada da *fé* porque na cruz, Jesus morreu pelos nossos pecados e por isso podemos ser perdoados dos nossos pecados e reunidos a Deus e ao nosso próximo. Foi a cruz que propiciou tão grande proeza na fé.

—A cruz é a grande encruzilhada da *história*, porque a partir da cruz uma nova era se iniciou, a bênção dada para Abraão transborda para todos os povos e começa uma transformação na trajetória de nações inteiras...tão grande

mudança que divimos a história em antes e depois de Cristo. Foi a cruz que propiciou tão grande proeza na história.

—E a cruz também é a grande encruzilhada da *teologia*, porque a partir da cruz toda a teologia é reavaliada. A mudança é tão significativa que falamos de velha aliança ou Velho Testamento e nova aliança ou Novo Testamento. Foi a cruz que propiciou tão grande proeza na teologia.

—O mês passado falei um pouco destas últimas mudanças teológicas. Falamos que a cruz estabeleceu dois pilares da fé cristã: a mudança no conceito do culto e a mudança no conceito da justiça e o conceito da lei. Elaboramos um pouco sobre o primeiro pilar, a mudança no conceito de culto e de sacrifício. Se Jesus morreu por mim, o seu sacrifício superou em muito todos os sacrifícios do Antigo Testamento e até mesmo o sistema de sacrifícios. Falamos que na cruz, o véu de separação para o santo dos santos no templo se rasgou e o próprio templo em si se destruiu definitivamente, a ser renascido, como Jesus havia previsto, no seu próprio corpo na reunião dos seus seguidores, a igreja. Hoje, nós que somos o templo do Espírito Santo. Não faço mais sacrifícios de animais ou cereais, não observo dias da semana (como o sábado) ou dias do ano como mais sagrados que os outros, e não reconheço espaços específicos (como um “templo”) como mais sagrados que outros. O sagrado não se relaciona mais a tempos e espaços, mas a gente. Nós que somos sagrados ou santos e a nossa reunião, quer no salão de culto, no pátio ou numa festa de aniversário, é a nossa reunião que se orne “sagrado”.

—Hoje quero voltar a nossa atenção para o outro pilar, o pilar da justiça de Deus, revelada na sua Lei, mas hoje interiorizada na vida de cada crente pela Sua maravilhosa graça. Pois se Jesus morreu pelos meus pecados, a sua morte na

cruz só pode ser vista como uma grande bênção para mim e para todos que creêm, e não uma maldição como a Lei a pronuncia. Logo precisamos reavaliar o papel e o lugar da Lei na vida do povo de Deus. O que rege o comportamento do povo de Deus não é mais a lei, e sim a graça. Este é o nosso assunto de hoje e assim completaremos os “fundamentos da fé cristã”. Cada um destes pilares é essencial para a compreensão e vivência cristãs. Não podemos errar em nenhum deles. Às vezes, descambamos para o velho sistema do Antigo Testamento no que refere ao primeiro pilar, o do culto, mas com um pouquinho de esforço conseguimos esclarecer as dúvidas, como acredito ser feito há um mês atrás. Mas eu confesso para vocês, que o segundo pilar é o mais difícil e foi este que criou mais confusão na igreja primitiva, ao longo da história da igreja e ainda nos dias de hoje, inclusive entre nós. Mas não é menos importante ou mais opcional que os outros dois. Precisamos nos esforçar para entender este pilar e viver de acordo. Este é o nosso desafio hoje à noite.

1. No Antigo Testamento: a Lei era um bom guia, mesmo que inexecutável

Recentemente eu realizei um estudo acurado dos primeiros oito livros do Antigo Testamento. Fiquei novamente impressionado pela ênfase na lei, especialmente nos primeiros cinco livros da Bíblia conhecidos como o Torá. Com Abraão e seus descendentes, Deus havia estabelecido um relacionamento íntimo que a Bíblia chama de aliança. Uma aliança é um contrato que estabelece privilégios e exige responsabilidades. O detalhamento destes privilégios e responsabilidades é o que constitui a “lei”. A lei, nos seus mínimos detalhes, é boa, e aponta o bom caminho para um justo e agradável relacionamento com Deus e com o nosso próximo. Os Salmos ilustram bem a boa avaliação que o Antigo Testamento faz da lei. A lei, por exemplo, é simplesmente “perfeita”, “certa”, “fonte de alegria”, “mais doce que o

mel”, “mais preciosa que muito ouro fino” (Salmo 19). São “lâmpadas para os nossos pés”, “luz para o nosso caminho” (Salmo 119). Enfim, a lei só era coisa boa, para dizer pouco.

Havia dois problemas com tudo isto. Primeiro, a própria Lei impedia o seu próprio cumprimento. Como o apóstolo Paulo bem lembrava, a Lei disse:

Os que confiam na sua obediência à lei estão debaixo da maldição de Deus. Pois as Escrituras Sagradas dizem: “Quem não obedece sempre a tudo o que está escrito no Livro da Lei está debaixo da maldição de Deus.... Assim, a lei ficou tomando conta de nós até que Cristo viesse para podermos ser aceitos por Deus por meio da fé.” — *Gálatas 3.10, 24 NTLH (citando Deuteronômio 27.26)*

A Lei era tão detalhada e, digamos, bem feita, que era impossível para o ser humano imperfeito segui-la a risco. Mas até isso era intencional, pois também era a própria Lei que estabelecia o seu prazo de validade:

Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR. Pois perdorei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei. — *Jeremias 31.31-34 NTLH*

Então, desde o início, a Lei, semelhante ao sistema de sacrifícios, servia para mostrar que algo maior era necessário para se aproximar de Deus e viver de acordo com os seus preceitos.

O segundo problema estava com a prática comum do povo. A lei era muito mais discurso que prática. Aliás, em toda a história de Israel, sempre era assim. E na época de Jesus, não era diferente. A lei era mais “para inglês vê”. Num mundo dominado por gentios, no caso, o império romano, o que mais valia para os judeus era a observância de três aspectos mais visíveis da lei: a observância do sábado, a

circuncisão dos bebês machos, e a observância dos regulamentos alimentícios. Estas práticas mais visíveis ajudavam os judeus a manter o seu senso de auto-identidade, o que os antropólogos chamam de coesão étnica, isto é, a noção de quem eles eram em distinção com os outros povos.

Mas isto não significa que ninguém ligava mais com a observação de toda a lei. Alguns, notoriamente os fariseus, advogavam a implementação mais completa da lei e elaboravam comentários de como fazê-lo. O problema com este papel é que ele tende a criar uma atitude de superioridade religiosa ou espiritual, francamente a pior de todas as superioridades. E isto, então nos leva até os Evangelhos.

2. Nos Evangelhos: Jesus intensificava a Lei

Jesus deixou claro que sua intenção não era de anular a lei, e sim de levá-la ao seu cumprimento (Mateus 5.17-20).

E como você pode observar desta passagem, Jesus, mesmo não anulando a lei, advogava um padrão de justiça muito acima daquela que os fariseus demonstravam, algo para o qual a lei apenas apontava. Mas, como também é bem conhecido, nem todas as pessoas tiveram a mesma reação às palavras e ao ministério de Jesus. Por isso, ele acabou lidando com as pessoas em termos de *dois grupos distintos*.

Primeiro, ele tratou duma maneira *aqueles que não tiveram a menor intenção de reconhecer a sua autoridade*. Para eles, sua mensagem era essencialmente a mensagem das suas Escrituras, que para nós são o Antigo Testamento. Isto é, como os profetas de antigamente, Jesus apelava para coerência em relação à revelação de Deus já nestas Escrituras. Os fariseus, os escribas e outros que não viam em Jesus a inauguração do governo de Deus e a realização das suas promessas, estes que tinham uma aparência de religião, estes deveriam prestar atenção às Escrituras e obedecê-la.

Em resumo, para aqueles que não tinham a menor intenção de segui-lo, Jesus

falava, “vejam as nossas próprias Escrituras, e as obedecem.” Não adiantava Jesus falar mais que isto. Já era suficiente.

Mas Jesus tratou os *seus seguidores* de outra forma. Essencialmente ele exigia muito mais, pois o reino de Deus estava alvorecendo e seus seguidores iriam andar neste novo mundo a ser logo estabelecido. Isto é, uma nova era estava para amanhecer, uma que eventualmente os seus seguidores chamavam de “Novo” Testamento. A perspectiva de Jesus a respeito do sábado, do estrangeiro, dos sacrifícios, do dízimo, do perdão e da cura, era radicalmente maior para os seus discípulos. Por exemplo, a lei proibia o adultério, mas Jesus mandava examinar as intenções ocultas do coração. A lei proibia o juramento falso, mas Jesus exigia total transparência na fala. A lei inibia a vingança, mas Jesus mandava amar o próprio inimigo. A lei exigia o dízimo de todo o produto do campo, mas Jesus exigia uma generosidade muito maior que só pode brotar de atitudes da misericórdia e da justiça. Deu para entender? Jesus efetivamente interiorizava e intensificava a lei e assim, levava-a ao seu destino divino.

E os seus discípulos anos depois, ao escreverem o Novo Testamento entenderam bem este “cumprimento” da lei. Mas não era fácil e sem controvérsia. Talvez a controvérsia maior não era a mudança no conceito do sábado e nem o conceito no sagrado templo e sistema de sacrifícios. Mas a maior barreira para a igreja primitiva, como é bem conhecido, era a circuncisão. Paulo teve que comprar desgastantes brigas com os seus próprio colegas e escrever longos discursos nas suas Cartas aos Romanos e aos Gálatas para defender a nova perspectiva, mas, foi esta que eventualmente venceu. Para nós, hoje, a não-circuncisão dos machos para serem contados como parte do povo de Deus não é mais controvérsia, certo? De vez em quando a questão da observância do sábado surge e é necessário considerar novamente o ensino de Jesus e da igreja primitiva.

Mas a controvérsia maior para nós é a questão do dízimo e da contribuição financeira dos discípulos de Jesus. E por isso, exige ainda maior tratamento. Por isso,

vamos ver como Jesus tratou o dízimo e depois como foi tratado pela igreja primitiva. Vou procurar ser o mais claro e objetivo possível, já que há pregadores de muito boa reputação que ainda advogam a observância do dízimo hoje como havia importantes líderes na igreja primitiva que advogava a continuação da exigência da circuncisão. Paulo poderia confrontar diretamente os principais líderes da igreja primitiva, como Pedro, Tiago, e seu próprio tutor, Barnabé, enquanto os respeitava como homens de Deus e reconhecer a autoridade deles. Vamos considerar o ensino de Jesus. Simplesmente é o seguinte: Jesus falou aos fariseus em Mateus 23 e Lucas 11 que enquanto deveriam continuar a dar um décimo de todas as suas plantações, o mais importante que isso era a demonstração da misericórdia e da justiça (Mateus 23.23; Lucas 11.42).

Uma observação a respeito do dízimo no Antigo Testamento, antes de continuar com o comentário de Jesus para o fariseu. Conforme a lei deuterônômico, o dízimo nunca era monetário mesmo que tenha existido sistemas monetários naquela época. Mas o dízimo sempre se referia à produção *da terra*. Por isso era exigido apenas dos agricultores que eram donos de terra, e também dos levitas. Quem não possuía terras ou não levita não pagava o dízimo. Os pobres, por exemplo, não dizimavam mas *recebiam* do dízimo (Deuterônômio 26.12-13). Jesus é um exemplo dum judeu pobre que não dizimava, mas que recebia o dízimo. Por exemplo, em Mateus 12.1-2, alguns fariseus criticavam Jesus e os seus discípulos por trabalharem no sábado quando apanhavam espigas e trigo para comer. O interessante é que estes fariseus não os acusavam de furto, pois como pobres, se encaixam dentro da lei deuterônômico da rebusca nos campos (Deuterônômio 23.26; 24.19-21).¹ Este mesma lei da rebusca também dispensa os pobres de pagarem o dízimo. Logo podemos deduzir que Jesus e os seus discípulos eram dispensados desta lei, pois de outra sorte, teriam recebido esta repreensão dos fariseus também. Também devemos esclarecer

¹ Os seus pais de Jesus também não se qualificavam para pagar o dízimo (Lucas 2.22-24 cf. Levítico 14.21 e 27.8).

Graça: o encontro da cruz com a lei

que havia três dízimos diferentes para alguns dos judeus e um quarto para os levitas que não eram pobres. A legislação sobre o dízimo era complexa e havia vários dízimos pagos ao longo do ano. Mas em geral, podemos dizer, que esta legislação resultava numa contribuição final de cerca de 23,3% da produção da terra. Agora, vamos voltar ao caso do fariseu dizimista em Mateus 23 e Lucas 11.

Na resposta para o fariseus, podemos dedectar um típico da ironia de Jesus quando aplar para os princípios “maiores” de justiça e misericórdia. Isto sugere que o dízimo não era suficiente para demonstrar os valores da misericórdia e da justiça. Mas de qualquer maneira e independentemente da maneira que você interpreta a resposta de Jesus para o fariseu, é importante reconhecer que esta instrução é dada *para os fariseus, não para os discípulos*. E em ambas as passagens, Jesus está repreendendo os fariseus com seu famoso, “ai de vós, fariseus!” (o primeiro entre 6 ais em Lucas 11.37-54 e o quinto entre oito em Mateus 23.13-36). Jesus disse claramente que o exemplo dos fariseus NÃO deverá ser seguido pelos seus discípulos (Mateus 23.3; Lucas 12.1).

Qual deveria ser o comportamento, portanto, dos discípulos? O que ele recomenda mesmo é a oferta total e sacrificial. Isto Jesus falou claramente de várias maneiras em várias ocasiões. Vamos considerar apenas três bem rapidamente.

Primeiro, a oferta da viúva pobre. A história se encontra em Marcos 12.42-44 e Lucas 21.1-4. Enquanto ricos depositavam grandes quantias na caixa de ofertas, esta mulher depositou apenas “duas moedinhas de pouco valer”, mas foi ela que Jesus usou como exemplo explicitamente *para seus discípulos seguirem*, porque, por menor que fosse a oferta, foi tudo que ela tinha.

O *segundo* exemplo que Jesus usou para ensinar os seus discípulos o quanto que eles deveriam dar é o caso do jovem rico. O caso se encontra nos Evangelhos três vezes: em Marcos 10.17-25; Mateus 19.16-22; e Lucas 18.18-23. O jovem queria felicidade eterna e seguia a lei em tudo para consegui-la. Mas Jesus mandou dar toda a sua riqueza para os pobre e depois segui-lo. O jovem rico não podia porque estava

muito atado ao seu dinheiro. Para seus discípulos, Jesus falou efetivamente que só deixando tudo que era possível estar debaixo da orientação plena de Deus. E os discípulos, igual a nós hoje, se espantaram e achavam impossível tão alto padrão.

Finalmente, consideremos a estorinha que Jesus contou sobre os três empregados e os talentos entregue para cada um pelo seu Senhor. João Calvino e outros comentaristas entenderam que esta parábola é uma analogia das posses que Deus dá para cada um de nós. Neste caso, quem meramente devolveu aquilo que recebia sem procurar aumentar o seu valor por meio de investimentos, este saiu mal. Sairam bem aqueles que multiplaram os seus bens e os entregaram de volta para o seu Senhor com valor dobrado. Qual é a moral da história? Servos fiéis dão 200% das suas posses para o seu Senhor. (Tá ficando cada vez mais difícil!)

3. Atos e as Epístolas: a graça reinterpreta a lei

E a igreja primitiva? Como entendeu o papel da lei e especificamente o vigor do dízimo? Quanto ao dízimo, simplesmente desapareceu das exortações para os fieis depois da crucificação de Jesus. Tanto os Evangelhos, quanto o Livro de Atos e as Epístolas deixam claro que tudo que possuímos deve ser dedicado ao Senhor. O dízimo é muito pouco para o cristão. AINDA temos grande dificuldade de ver que Jesus radicalizou o conceito anterior da nossa participação material no seu projeto do reino de Deus. Entendemos que Deus deseja todo o nosso amor, toda a nossa disposição, todo o nosso coração e todo o nosso intelecto (Mateus 22.37). Mas estranhamente ainda achamos que Deus se contenta com apenas 10% do nosso dinheiro! Entretanto, qualquer medida menor provoca a Sua Santa ira e assim nos coloca em iminente perigo (veja o incidente de Ananias e Safira em Atos 5.1-11).

Ao invés do dízimo, Paulo instruiu a igreja a separar, toda semana, algum dinheiro “de acordo com o que cada um ganhou” (1 Coríntios 16.2). Esta é a única passagem no Novo Testamento com instrução específica a respeito da quantia que

cada um deve contribuir. Há muito mais que poderíamos falar a respeito da contribuição financeira. Por exemplo, o seu propósito maior é a expansão evangelística da igreja e a assistência social, embora hoje estas preocupações recebem a mínima importância nas nossas igrejas. Mas vamos voltar ao dízimo em si.

Uma pergunta: se a igreja primitiva, seguindo o exemplo de Jesus, procurava se dar tudo para a causa do reino de Deus, e se, de fato, o dízimo, junto com a observância do sábado, das leis alimentícias, e o sistema de sacrifícios, todos desapareceram, em que momento a igreja voltou a pregar o vigor do dízimo?

3. A história da Igreja: a luta para afirmar a graça de Deus

Historicamente, a prática do dízimo voltou apenas 5 séculos depois de Cristo quando as igrejas expandiram e geraram várias outras instituições. Para sustentar estas instituições, começa-se a falar novamente do dízimo como mandamento divino. Em 567 os bispos se reuniram em Tours para legislar a favor da reinstauração do dízimo, o que foi apoiado em 585 nos cânones do Concílio de Maçom. Aos poucos o dízimo se tornou novamente obrigatório como um imposto que os imperadores romanos permitiram na igreja. Carlos Magno o transformou em lei civil no final do século VIII e entrou na lei civil da Inglaterra em 1285. É bom lembrar que o restabelecimento do dízimo nos séculos V e VI levou eventualmente ao absurdo das indulgências exigidas da Igreja Católica que provocou a Reforma Protestante! Diante disto, Martin Lutero, por exemplo, falou assim:

De fato, os gentios têm certas leis em comum com os judeus, tais como: há um só Deus, ninguém deve fazer mal para ninguém, ninguém deve cometer adultério, homicídio, furto e outros semelhantes. Tudo isso está escrito nos seus corações; não ouviram direto do céu como os judeus....Mas os outros mandamentos de Moisés, que não são gravados nos seus corações por natureza, os gentios não devem guardar. Nem estes (mandamentos) pertencem aos gentios, tais como o dízimo e outros mandamentos igualmente bons....Muitas pessoas grandes e destacáveis

*se erraram neste ponto, enquanto muitos grandes pregadores se atropelam sobre isto. Eles não sabem como pregar Moisés, nem como se referir apropriadamente aos seus livros.*²

A Revolução Francesa (viva la France!) aboliu o dízimo e foi gradativamente substituído lá e em outros países por outras formas de imposto. A Igreja Católica ainda prescreve o dízimo nos países onde a lei permite, não no Brasil (viva Brasil!). E algumas denominações evangélicas, especialmente no Brasil, consideram o dízimo como obrigatório. A maioria das denominações protestantes no mundo inteiro, entretanto, já abandonaram a prática.

Conclusão

Quero concluir de modo diferente. Quero simplesmente registrar o testemunho de grandes líderes da fé que entenderam a perspectiva cristã daquilo que Deus deseja de nós em termos dos nossos bens materiais. Eles, creio eu, enxergaram através da cruz. Há muito mais que podemos e devemos falar em relação aos nossos bens, e em relação ao assunto maior da vivência cristã pela graça de Deus, que está muito acima da Lei. Mas o nosso tempo já passou e preciso concluir. Escutem, então estes testemunhos:

“Na minha opinião o dízimo na América é uma maneira da classe média roubar Deus. Dar o dízimo para a igreja e gastar o resto na sua família não é um alvo cristão. É um desvio. A questão real é esta: Como devemos usar a fundação de Deus, isto é—todas as nossas posses—para a Sua glória? Num mundo de tanta miséria, nós devemos chamar o povo de Deus a adotar qual estilo de vida. Qual é o exemplo que nós estamos dando?” — JOHN PIPER (1946-), PASTOR E ESCRITOR

“Você nunca viveu até que fizesse alguma coisa para alguém que nunca pode te pagar de volta.” — JOÃO BUNYAN (1628-88), ESCRITOR E PREGADOR PURITANO INGLÊS

² Martin Luther, "How Christians Should Regard Moses," trans. and ed. by E. Theodore Bachmann, Luther's Works: Word and Sacrament I, vol. 35 (Philadelphia: Muhlenberg Press, 1960), 161-174. Este sermão foi pregado em 27 de agosto de 1525 como parte de uma longa série de pregações sobre o Livro de Êxodo, uma série que durou dois anos e meio.
Graça: o encontro da cruz com a lei

“Antes eu era jovem e agora sou velho, mas não posso testemunhar nenhuma vez que Deus deixou de fornecer aquilo que eu precisava para avançar a Sua obra. Ele nunca falhou nas Suas promessas, então não posso falhar no meu serviço por Ele” — WILLIAM (GUILHERME) CAREY (1761-1834), MISSIONÁRIO BATISTA PARA A ÍNDIA, CONHECIDO COMO O PAI DO MOVIMENTO MISIONÁRIO MODERNO

“Pode-se dar sem amar. Mas não se pode amar sem dar.” — AMY CARMICHAEL (1867-1951), MISSIONÁRIA PARA ÍNDIA

“Ganhamos a vida pelo que recebemos; fazemos a vida pelo que damos.” — WINSTON CHURCHILL (1874-1965), MINISTRO DE GUERRA BRITÂNICO

“Ninguém se tornou pobre por dar.” — ANNE FRANK (1929-45), ESCRITORA JUDIA HOLANDÊSA DURANTE A OCUPAÇÃO NAZISTA

“Acredito que seja o dever religioso de todo homem ganhar tudo que pode de maneira honesta e dar tudo que puder.” — JOHN D. ROCKEFELLER, SR. (1839-1937), INDUSTRIALISTA E FILÂNTRÓPO AMERICANO

“Pense em dar não como um dever, mas como um privilégio.” — JOHN D. ROCKEFELLER, JR. (1874-1960), INDUSTRIALISTA E FILÂNTRÓPO AMERICANO

“Nunca meça a sua generosidade pelo que dar, mas, ao contrário, pelo que sobrou depois.” — BISPO FULTON J. SHEEN (1895-1979), BISPO CATÓLICO ROMANO E ESCRITOR

“Se existe uma medida mais verdadeira dum homem que pelo faz, deve ser pelo que dá.” — ROBERT SOUTH (1634-1716), CLERO INGLÊS

“Mesmo que eu doe a Ele tudo que valho, Ele achará um jeito de me devolver muito mais que eu dei.” — CHARLES HADDON SPURGEON (1834-92), PREGADOR BATISTA INGLÊS

“A medida da vida não é a sua duração, e sim, a sua doação.” — PETER MARSHALL (1902-49), EX-CAPELÃO DO SENADO AMERICANO

“Não é quanto nós doamos mas quanto amor colocamos no doar.” — MADRE TERESA (1910-97), MISSIONÁRIA CATÓLICA PARA ÍNDIA

“Quando eu morrer, se tiver 10 libras sobrando... você e toda a humanidade poderá testemunhar contra mim, que teria vivido e morrido como ladrão e assaltante.” — JOÃO WESLEY (1703-91), EVANGELISTA INGLÊS E FUNDADOR DO METODISMO

“Não darei valor algum em qualquer coisa que tenho ou possuo a não ser em relação ao reino de Cristo. Se alguma coisa que eu tiver poderá avançar aquele reino, será doada ou guardada, qualquer que promova melhor a glória dAquele a quem devo todas as minhas esperanças, tanto neste tempo quanto na eternidade.” — DAVID LIVINGSTONE (1813-73), MISSIONÁRIO E EXPLORADOR INGLÊS NA ÁFRICA

“A obra de Deus relizada da maneira de Deus nunca faltará a provisão de Deus.” — J. HUDSON TAYLOR (1832-1905), MISSIONÁRIO INGLÊS NA CHINA

“Valorizo todas as coisas somente pelo preço que ganharão na eternidade.” — JOÃO WESLEY (1703-91), EVANGELISTA INGLÊS E FUNDADOR DO METODISMO